

Qual o Futuro do Ensino Superior??!!

** V Lourenco Dr

Os avanços tecnológicos estão mudando as coisas. O futuro das universidades depende da interação humana, da tecnologia e da reflexão ética.

Na residência estudantil de uma universidade paulista há alguns anos a sala de jantar foi eliminada e minicozinhas foram instaladas em cada quarto. Além disso, cada aluno estuda em seu quarto ou na biblioteca da universidade. A residência aluga diversos equipamentos como ferros de passar, secadores, consoles de videogame, tipo Play Station, e outros pequenos aparelhos digitais ou elétricos. Mas a última novidade é que, em vez de ter alguns funcionários responsáveis por esse serviço, agora está prevista a instalação de **uma máquina que faria todo o processo de empréstimo e cobrança automaticamente**. Isso possibilitará a redução de alguns funcionários da força de trabalho.

Embora essa automação tenha levado os alunos a se conhecerem cada vez menos, assim como os funcionários da residência, nas pesquisas de satisfação os alunos valorizam consistentemente experiências ou relacionamentos que os fazem "se sentir em casa". Recentemente, foi anunciado que um fundo de pensão de um país europeu comprou a residência. Esta aquisição baseia-se na perspectiva de obter um rendimento seguro com custos estáveis e muito baixos. A prioridade do fundo é que a residência reduza suas emissões de CO₂ a zero.

Esta história é **um bom retrato do possível futuro do Ensino Superior**. Essas mesmas tendências também estão presentes na sala de aula. Cada vez mais, várias plataformas educacionais estão sendo implementadas nas universidades para direcionar e avaliar a aprendizagem dos alunos e seu número deve aumentar nos próximos anos. A possibilidade de libertar os professores da tarefa de avaliação e, em parte, do ensino, é algo muito apreciado. Evita-se uma das partes menos agradáveis do trabalho, ganha-se objetividade e libera-se tempo para se concentrar na pesquisa, elemento principal dos rankings e na carreira profissional dos (ainda chamados) professores.

Muito se fala no momento sobre o efeito das novas ferramentas de inteligência artificial (IA) no ensino. Já sabemos que **o ChatGPT e muitos outros aplicativos que virão significam uma revolução na forma de aprender**. A análise e síntese de informações, a elaboração de trabalhos ou qualquer exercício escrito ou visual, não podem mais ser concebidas sem levar em conta essas ferramentas. Alguns propõem redesenhar testes e exercícios para garantir que eles sejam realmente feitos pelos alunos. Outros, pensando na impossibilidade de colocar portas no campus, preferem integrá-las aos programas.

Não faltam vozes que alertam para os seus riscos, como que aponta como se criaram máquinas que dificultam que "uma pessoa normal continue a saber o que é verdade e pode em breve torná-lo impossível", e defende que "a confiança e a verdade são o que impedem as sociedades de cair no vazio da mentira e da violência".

O desenvolvimento da tecnologia leva a repensar o significado do ensino e as competências específicas e características do Ensino Superior

Outro efeito igualmente importante é a necessidade de justificar a partir de agora a própria existência da instituição universitária. **Não vai demorar muito para ter tutores ou professores personalizados.** Serão ferramentas de IA que nos guiarão individualmente em nosso estudo e proporão testes e exercícios de acordo com o progresso real que fizermos e o objetivo que queremos alcançar por um tempo disponível. Isso já existe nas academias de ginástica esportiva. É apenas uma questão de tempo até que se estenda ao coração do ensino superior.

A corrida pela eficiência, assim definida, tem consequências que, a longo prazo, normalmente não apreciamos. De fato, fazemos em sala de aula muitas coisas que, com perspectiva, são perda de tempo, ou, pelo menos, poderiam ter sido otimizadas. Nossas energias e motivação nem sempre são as mesmas. As máquinas sempre farão isso melhor e mais rápido, incluindo a atualização de seu *software* ou seu *hardware*. Mas o que é ensinar? projetar o processo mais eficiente de aquisição de determinados conhecimentos com vistas principalmente à formação dos melhores profissionais?

Em nossa opinião, isso leva a um repensar do significado da docência e das competências específicas e características de uma instituição de Ensino Superior. Não é difícil concluir que esse núcleo mais exclusivo de competências deve se concentrar em tudo o que se refere à interação humana, tanto a aprendizagem quanto a formação da pessoa no sentido mais amplo e nobre da palavra. Na verdade, os principais tecnólogos e cientistas do mundo da revolução digital concordam em apenas uma coisa: **que os principais problemas que enfrentamos no futuro são éticos e políticos.** Isso é sublinhado em todos os seus manifestos e declarações públicas, cada vez mais alarmados com os riscos envolvidos na sua própria criação, à medida que procuram dar sentido às mudanças que estão por vir. Mas em nossos claustros, como no resto da sociedade, a separação entre o mundo do que podemos fazer e o que devemos fazer está aumentando, em vez de concentrar esforços em conectar os alunos com valores cívicos e equipá-los com habilidades de raciocínio moral para viver em sociedades inspiradas em ideais de liberdade, igualdade e solidariedade.

A palavra universidade, em sua origem, evoca o encontro de professores e alunos, a decisão de se unir para uma convivência de aprendizagem, entendida como um itinerário aberto a todas as dimensões do ser humano. Javier Gomá lembrou-o há pouco tempo quando disse que a missão da universidade é formar bons profissionais e bons cidadãos, mas que o segundo propósito deve sempre prevalecer sobre o primeiro em caso de tensão entre eles. Ou seja, **aprender a reconhecer a dignidade humana do outro é mais importante do que a aquisição de habilidades técnicas.**

A reflexão que devemos abordar para que as universidades cumpram sua missão em nosso tempo não é pequena.

Nos últimos anos, temos visto nas sociedades ocidentais uma mentalidade crescente de hiperindividualismo, em grande parte devido à fragmentação da experiência humana causada pela tecnologia digital e pelas redes sociais. O sentimento de pertença a uma ou mais comunidades enfraqueceu. A linguagem frequentemente utilizada na política reflete essa tendência, concentrando-se em reivindicar novos e velhos direitos, ignorando deveres cívicos, quase inexistentes no discurso público, ou as consequências de nossas ações.

Gostaríamos de concluir fazendo uma pergunta ao leitor: a interação humana de qualidade dentro de uma instituição de Ensino Superior se tornará um luxo disponível apenas para aqueles com visão e recursos? Seremos capazes de integrar essas ferramentas em um aprendizado que, é claro, não as deixe de lado, mas que as coloque dentro de uma reflexão ética significativa?

...Emoções sempre importam para a liderança emocional

As emoções podem ser uma fonte muito valiosa de riqueza relacional se forem cuidadas e atendidas. Você sabe quais características definem um líder emocionalmente inteligente?

Sofia é gestora há dois anos. Durante esse tempo, o desempenho de sua equipe foi excepcional. Qual é o segredo deles? Uma gestão baseada em garantir o **bem-estar de seus colaboradores** e promover o **bom relacionamento** entre seus colaboradores. Além disso, apesar de ser uma líder forte, ela sabe que **mostrar vulnerabilidade** não é sinônimo de fraqueza.

Por outro lado, ela sabe explorar o **talento de cada membro de sua equipe**, sempre tenta tirar o melhor de cada um deles e **elogia as conquistas** que estão alcançando. Em suma, Sofia é uma gestora que **conhece a liderança emocional**.

O que é liderança emocional?

Os indivíduos não são ilhas emocionais isoladas; quando as pessoas vêm para o trabalho, elas também levam seus traços, humor e emoções com elas.

Ao longo da semana (ou de um dia!) nos deparamos com imprevistos que podem desconcentrar, estressar, impacientes, entristecer etc.

Nesse sentido, a liderança emocional se baseia em **saber e saber administrar nossas emoções e as de nossa equipe**. É uma abordagem **focada nas pessoas** e na **forma como nos relacionamos** uns com os outros com o objetivo de promover os melhores resultados.

A liderança emocional baseia-se em conhecer, controlar e gerir as nossas emoções

As emoções, o humor e o temperamento dos profissionais afetam os objetivos, a tomada de decisões, a criatividade, a retenção de talentos, a liderança e o trabalho em equipe. E tudo porque as emoções "se espalham" entre os membros de uma organização. **Somos capazes de perceber como os outros se sentem e essas emoções podem nos afetar**.

Como deve ser um líder emocionalmente inteligente?

O conceito de um bom líder deve necessariamente estar ligado à liderança emocional. Como um gestor percebe, entende e gerencia suas próprias emoções e as emoções dos outros é extremamente importante. Na verdade, é uma das dez principais habilidades do futuro cenário de empregos do Fórum Econômico Mundial.

As pessoas que realizam uma gestão baseada na liderança emocional têm consciência do seu impacto nos outros. Eles sabem que seu estado emocional influencia muito **a tomada de decisão, o aprendizado e o desempenho de sua equipe**. E usam isso a seu favor. Eles usam essa característica para gerar emoções positivas entre seus pares e ajudá-los a **alcançar bons resultados da forma mais eficiente possível**.

Eles entendem que **as emoções contêm informações valiosas sobre as pessoas** com quem se cercam e estão abertos a usá-las para facilitar a **resolução de problemas e a criatividade**. Em suma, eles capturam os sentimentos dos outros e orientam estrategicamente seu humor para que ele se adapte melhor ao que é necessário para o desempenho ideal em uma determinada tarefa.

As emoções contêm informações valiosas sobre as pessoas que podem ser úteis para facilitar a resolução de problemas e a criatividade.

O que se espera de uma Liderança Emocional Eficaz

A inteligência emocional vai além de ser empático ou saber ouvir. Na verdade, líderes emocionalmente inteligentes atendem a alguns critérios:

* **Buscar o bem-estar dos colegas:** é importante que as pessoas que compõem uma equipe se sintam bem em seu ambiente de trabalho. Emoções como raiva ou tristeza absorvem toda a atenção dos indivíduos e os impedem de atender da melhor forma às situações de trabalho. Hoje, muitas organizações e empresas se esforçam para **criar e manter ambientes agradáveis**.

Seja com estratégias que reformem a cultura organizacional para fomentar ambientes e relacionamentos criativos, seja simplesmente com pequenos gestos que promovam o bem-estar dos membros da sua equipe. Nesse sentido, o líder terá um papel crucial na **inspiração, gestão de conflitos e incentivo ao trabalho em equipe**.

* **Mostrar sua vulnerabilidade quando conveniente.** Os líderes, apesar da responsabilidade que carregam, são pessoas que sentem, e que às vezes cometem erros e precisam de ajuda. Mostrar-se como se é aumenta a identificação do grupo com o líder, os níveis de confiança e gera estados positivos nos demais colegas, como vimos neste artigo.

* **A comunicação desempenha um papel crucial.** Na liderança emocional, a forma como nos dirigimos à nossa equipe, seja por mensagem, chamada de vídeo ou pessoalmente, terá muito peso no clima emocional que geramos.

Uma frase mal interpretada ou com tom inadequado pode **prejudicar a relação entre duas pessoas** ou afetar o desempenho profissional da equipe. No entanto, esse ponto também inclui ter a capacidade de transmitir como chefe do grupo comentários difíceis **ou críticos** de forma apropriada e empática.

As emoções podem ser uma fonte muito valiosa de riqueza relacional se forem cuidadas e atendidas.

* **Eles sabem como motivar sua equipe.** E isso está diretamente relacionado ao ponto anterior. Uma palavra de incentivo no momento certo ou **parabéns por um esforço** ou um trabalho bem-feito pode ser um **grande impulso para a produtividade** e comprometimento da força de trabalho.

* **Eles sabem explorar o talento de cada membro de sua equipe.** Preocupam-se em distinguir as singularidades de cada pessoa, que tipo de abordagem precisam, como lidam com os conflitos, se encaixam nos imprevistos... E com essas informações resultantes da observação e da empatia, tentam tirar o melhor de cada um deles em determinadas situações.

* **Saber e saber gerir as nossas emoções permite-nos adaptar-nos** a determinados momentos. Enfrentar situações desagradáveis ou tensas e ter que enfatizar que algo não é bem-feito faz parte do trabalho de um líder. Se abordarmos essas situações a partir da liderança emocional, saberemos **digeri-las de forma descontraída** e não nos deixaremos levar por emoções que podem desencadear uma reação ruim.

No ambiente de trabalho, como acontece na vida, nem tudo são números e dados frios. As emoções podem ser uma fonte muito valiosa de riqueza relacional se forem cuidadas e atendidas. Compreendê-los e saber usá-los a nosso favor não só nos ajudará a alcançar os melhores resultados, mas também melhorará nosso relacionamento com os outros e nos ajudará a **construir uma cultura organizacional baseada no respeito, na compreensão de cada pessoa** e no princípio fundamental de que o centro de uma empresa são as pessoas que a compõem.

Nossas emoções podem nos guiar bem, mas às vezes elas nos atrapalham

Vamos falar sobre sentimentos, seu papel no surgimento da consciência e como eles nos unem a outros seres vivos.

Há 18 séculos, o filósofo Plotino afirmava que "o ser humano está a meio caminho entre os deuses e as bestas", intuindo que havia um caminho que unia a nossa natureza à dos animais. Charles Darwin, em *A Descida do Homem*, concretizou essa percepção expressando seus temores pela irritação que produziria para muitas pessoas a principal conclusão de seu livro, "que o homem descende de uma forma orgânica de nível inferior".

Vamos mais longe... Há uma ligação entre nossa vida cultural e os primeiros microrganismos, que nossa consciência não surgiu de repente, mas faz parte de um caminho que nos une às feras através dos sentimentos.

Coisas tão básicas como a fome, a sede ou a dor estão por trás da arte mais sublime ou dos mais sofisticados avanços tecnológicos. Os sentimentos fundamentais nos ajudam a nos adaptar ao nosso ambiente e são o primeiro passo para a consciência de que por milênios foi o traço definidor da humanidade.

Assim como *O erro de Descartes*, referência na divulgação da ciência e da filosofia, falaremos sobre como o conhecimento progressivo do cérebro está facilitando a conexão máquina-homem e os últimos avanços da inteligência artificial.

Se você pudesse viajar no tempo e conhecer sua versão jovem, quais seriam os acontecimentos mais chocantes das últimas décadas para esse outro você? Essa pessoa pode transmitir a intenção de se mover através de implantes no córtex cerebral e fazer suas pernas se moverem.

Outra coisa que diríamos a essa criança é algo que espanta e, também, é um pouco assustador: a possibilidade de ter implantes no cérebro que atuam no nosso funcionamento cerebral e na forma como tomamos decisões. Existem implantes que podem ajudar pessoas com Parkinson com movimento, ou recuperar a memória em pessoas que estão perdendo-a devido ao Alzheimer. O problema é que toda vez que se implanta algo no cérebro se enfrenta muitos riscos, de infecções, de danos, porque estamos entrando em território desconhecido. Isso é como lançar um foguete para a Lua, não se sabe onde vai pousar. A tecnologia tem muito potencial para o bem, mas temos que pensar bem em como a aplicamos para não cometer erros.

Às vezes, os avanços tecnológicos vão em direções frustrantes: temos celulares para assistir vídeos de gatinhos, mas não carros voadores, e talvez desenvolvamos implantes para ver essas imagens sem tocar no celular, mas não avançamos no tratamento do Alzheimer. O interesse econômico pode condicionar para onde vão esses avanços, porque os seres humanos fazem muitas coisas pensando em benefícios. Mas também tem a ver com o facto de haver coisas que fascinam mais as pessoas do que outras. Curar algo simples, como um problema de estômago ou pele, pode ser menos sugestivo do que lançar um foguete à Lua, embora ajude muitas pessoas.

Vamos falar sobre motivações, e motivações têm muito a ver com sentimentos, algo que se pesquisa e escreve muito ao longo da história. Se os sentimentos são uma ferramenta para se adaptar ao nosso ambiente, é uma boa ideia sempre seguir o que os sentimentos ditam? Há alguns sentimentos que temos que seguir, que são homeostáticos [homeostase é a capacidade do organismo de manter seu interior estável apesar das mudanças no ambiente]. Esses estão na raiz da nossa consciência. Por exemplo, a sensação de temperatura corporal. Ele está monitorando você o tempo todo e diz como se vestir ou que se você notar uma febre há algo errado. Então a temperatura, a fome, a sede, a dor, o desconforto... São sentimentos homeostáticos porque nos permitem manter esse estado de equilíbrio.

Esses sentimentos, pelo que vimos em nossas pesquisas, estão na gênese da consciência. Mas há outros sentimentos que nem sempre são bons guias. Sentimentos de ambição, imensa excitação, inveja, raiva ou tristeza. São sentimentos emocionais e nossas emoções podem nos guiar bem, mas às vezes nos atrapalham. A emoção da ambição pode ser muito destrutiva e a raiva também. Uma das coisas que temos que governar como indivíduos, como sociedade e como agentes políticos é controlar as coisas terríveis que as emoções podem nos levar a fazer.

Mas se olharmos para a educação clássica, em parte, ela consiste em combater sentimentos como a fome ou a busca pelo bem-estar imediato para conquistar a liberdade.

É um uso da razão contra os sentimentos para ter benefícios a longo prazo. Os sentimentos homeostáticos são sempre positivos porque dizem o que fazer em um momento específico, mas também sugerem um projeto social ou político que permite superar problemas como fome ou sede. No futuro imediato, eles podem salvar sua vida, mas como motivação para a ação política ou social, eles podem fazer com que os desenvolvimentos certos aconteçam para que as pessoas tenham comida e água. Em geral, acho que são bons conselheiros.

Na política, também parece que as emoções estão se tornando cada vez mais importantes. Isso tem a ver com o aumento da complexidade da realidade em que vivemos e que chega até nós através da internet? Refugiamo-nos nas intuições emocionais quando nos confundimos com a realidade? Não é tanto sobre o que podemos fazer em termos de controle das emoções, mas sobre tentar controlar os efeitos sociais do nosso sucesso. A Internet é um grande desenvolvimento em nossas vidas. Quando eu estava na faculdade, eu tinha que ir a uma biblioteca para encontrar qualquer coisa, e se eu queria um artigo de um cientista de outro país, às vezes eu tinha que escrever para pedi-lo. Mas hoje tenho tudo isso na ponta dos dedos. O acesso que temos agora à informação é maravilhoso. Por outro lado, a internet possibilitou as redes sociais, e aí vem o que você descreve, que é um efeito colateral do desenvolvimento brutal das redes sociais, que nos permitem confrontar constantemente posições políticas e, em vez de ter um pouco de tempo para pensar e analisar os fatos, você pode responder imediatamente.

A tecnologia trouxe muitas coisas boas, mas outras não. Gastamos muito pouco tempo, por exemplo, em uma imagem. Antes você podia gastar três minutos e agora você não ultrapassa 30 segundos, no máximo. Houve uma aceleração na nossa forma de encarar a realidade que foi transferida em grande parte para dispositivos que são transportados. Há dias em que é impossível ver uma única pessoa sem essas coisas em suas mãos. É incrível que se possa passar pela vida assim. Há um livro chamado *Have Fun to Death*, de Neil Postman, de 1985. Ele fala sobre como a cultura audiovisual e a dependência dos cidadãos americanos da televisão estão idiotizando as pessoas, tornando-as incapazes de prestar atenção a discursos complexos. Se poderia mudar a televisão da internet ou as redes sociais no livro e os argumentos seriam idênticos aos usados hoje para criticá-los e, no entanto, não parece que desde 1985 nos tornamos tolos. O progresso científico é muito mais rápido agora do que era na época.

Dá para acreditar que o impacto não é igual para todos. Há algumas pessoas que conseguem sobreviver nesse ambiente acelerado e ser criativas apesar das distrações, mas outras não. Há pessoas para quem é desastroso.

Quando éramos estudantes, a separação entre humanos e animais era muito mais clara. Só que tínhamos consciência e havia menos preocupação com os sentimentos dos outros animais. Agora pensamos que somos todos parte de um continuum, que no assunto da consciência não há salto do nada animal para o todo humano. Pronto!!

Se acredita que isso nos impõe alguma decisão ética a esse respeito. Acredita-se que é evidente que existem muitos animais que são conscientes da mesma forma que nós. Se olhar para mamíferos, peixes ou aves, não precisa ser muito atencioso ou gostar muito de animais para perceber que eles são autoconscientes, que se protegem e se comportam de maneira muito semelhante à nossa. São capazes, como nós, de sentir dor, prazer, fome ou sede. E operam de acordo com princípios regulatórios semelhantes.

Achamos que em relação a esses animais devemos ter um comportamento muito gentil. Não somos a favor de legislar em excesso, mas talvez com uma boa educação percebêssemos que não devemos torturar estes animais. Investigar a consciência deve torná-lo mais consciente dessas criaturas.

Mas nessas decisões éticas e políticas também há muita arbitrariedade, que talvez tenha a ver com a parte emocional de decisões supostamente racionais. Há pessoas que aceitam facilmente esse continuum entre animais e humanos e concluem que sua vida deve ser respeitada, mas depois aceitam que antes de três meses de gestação o aborto é aceitável e depois não, quando também há uma continuidade que é quebrada arbitrariamente.

Todo este confluir de Ensino Superior, Gestão das Emoções e assunção da Ética, neste momento, se faz necessária face a nomina mudança de status no sentido melhoria da qualidade na educação básica no Estado de São Paulo. Lembrando se este relato é apenas um artigo de opinião e não reflete a realidade do estado da arte. Somos muito inteligentes na compartimentação. Eu aceito você comer cachorro, mas não coma meu cachorro.

*Lourenco Vieira – Especialista em Neuropsicologia e Educador. Prof. Assistente no Centro de Educação a Distância da UFJF. Neuropsicólogo assistente em Psicologia Viva. Bolsista CAPES/UAB
lourenco.vieira@unifesp.br Lourenco Vieira - Psicologia Viva Santos, inverno de 2023*